

# As Religiões e a Paz\*

D. Manuel Clemente

*Bispo Auxiliar de Lisboa*

## Resumo

A religião tem-se erigido de forma ímpar como a manifestação mais ampla de reconhecimento e garantia de pessoas e sociedades. Precisamente por aí discorre o presente artigo, alicerçando a fé num diálogo construtivo que respeita a interpretação limitada de cada uma das confissões, sem que isso signifique abdicação própria ou relativização da transcendência. A religião será assim um promotor da paz que os fundamentalismos não desmentem, visto serem caracterizados pela pouca religião, no sentido essencial do termo, e alguns exemplos concretos referidos ao 11 de Setembro e ao conflito no Iraque confirmam plenamente.

## Abstract

*Religion has been erected in a unique way as the broadest manifestation of knowledge and guarantee of people and societies. Precisely there flows the present article, basing faith on a constructive dialogue concerning the limited interpretation of each of the confessions, without meaning self abdication or without questioning transcendency. Religion is thus a peace promoter that fundamentalisms do not deny since they are characterised by little religion, in the essential sense of the term, and some concrete examples related to September 11 and the Iraqi conflict fully confirm.*

---

\* Oração de Sapiência proferido na abertura solene do Curso de Defesa Nacional, ano lectivo 2003/2004, 16 de Dezembro de 2003.

1. Falando genericamente, a religião tem-se manifestado como a forma mais ampla de reconhecimento e garantia de pessoas e sociedades inteiras. De tal modo, que as próprias ideologias de substituição, mesmo pouco ou nada religiosas, acabam por assimilar e manifestar alguns aspectos basilares das crenças.

Por outro lado, são facilmente detectáveis os traços étnicos e comunais das diversas religiões, pois também por elas as sociedades se têm perpetuado e defendido. Só o que está aquém ou além do episódico poderá corresponder à inquietação - transcendente ou metafísica - que a religião quer resolver.

Cabe aqui, portanto, definir os termos. Por transcendência, indica-se o “carácter dos princípios cuja aplicação ultrapassa os limites da experiência possível”. E também “o outro, face ao qual a consciência se reconhece”. Por religião, entende-se a “crença na existência de um poder superior, do qual o homem depende” ou um “sistema estruturado de doutrinas, crenças, regras e práticas de uma determinada comunidade de pessoas que instituem um determinado tipo de relação com um poder superior, sobre-humano”. E pretende-se religar, “juntar de novo aquilo que se separou”, ou “estabelecer novamente uma relação”<sup>1</sup>.

Poderemos pensar que as religiões definem as comunidades no que têm de mais agregativo. E que, assim como as sociedades isoladas se reconheceram nos seus cultos específicos, também as globais os integraram ou submeteram a outros mais universais, gerando tensões nunca inteiramente resolvidas.

Esta fenomenologia étnico-religiosa, fazendo da religião uma alínea complementar da história das civilizações, pode encará-la também como potenciadora de conflitos. Não afastamos imediatamente tal hipótese. Mesmo entre crentes da mesma religião geral, as diferenças políticas podem ilustrar-se com apelativos religiosos particulares. Não só entre muçulmanos sunitas e xiitas, por exemplo; também entre cristãos católicos, protestantes e ortodoxos; ou mesmo só entre cristãos católicos, quando em Aljubarrota gritávamos por S. Jorge e os castelhanos por Santiago...

É inegável, porém, que a religião em si mesma, se ultrapassar esta caracterologia, consegue tornar-se factor de unidade universal, porque (re)liga o crente ao princípio vivo e único, não só de si próprio, mas de todos os membros da humanidade comum. Se admitirmos este ponto, não procuraremos ultrapassar os males das “guerras de religião” pela negação dela, quer tirando-lhe substância (reduzindo o teísmo a um vago deísmo), quer negando-a ou combatendo-a. As doenças religiosas (fundamen-

---

1 Cf. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa.

talismos, intolerância, etc.) são afinal doenças do homem que se procura; podem ultrapassar-se com melhor religião, onde a solução própria esteja disponível a todos. Disponível e não compulsiva.

2. Que tal não é quimérico nem meramente paliativo, demonstra-o a experiência religiosa nos seus melhores efeitos, evidenciando, por um lado, a limitação de algumas análises tão gerais que não atendem à verdade concreta, só verificável mais de perto. Como seria, por exemplo, falar da Península Ibérica, entre os séculos VIII e XV, como palco contínuo de uma guerra desencadeada ou latente entre “cristãos” e “muçulmanos”. Ou usar as mesmas categorias para o que aconteceu e acontece no Próximo Oriente, desde a expansão árabe às Cruzadas e à actualidade. Tanto num caso como no outro, houve e há convivências pacíficas mutuamente enriquecedoras e até identificações políticas, de cristãos com muçulmanos e vice-versa, até face a outros cristãos e outros muçulmanos.

Um exemplo apenas, donde e quando menos se esperaria: do século XI, quase em vésperas das Cruzadas, uma carta notável e felizmente guardada do papa Gregório VII, mostra-nos como podiam ser as relações entre as duas margens do Mediterrâneo, mesmo entre o chefe espiritual dos cristãos ocidentais e um governante muçulmano, indo este ao ponto de promover a vida religiosa dos seus súbditos cristãos: “Gregório, Bispo, servo dos servos de Deus, a An-Nasir, Rei da província da Mauritânia sitifiana, em África. A tua nobreza escreveu-nos, neste mesmo ano, para que consagremos bispo, segundo a lei cristã, o padre Servandus. [...] Para mais, mandaste-nos presentes e libertaste, por deferência para com o bem-aventurado Pedro, príncipe dos Apóstolos, e por amor para connosco, alguns cristãos que estavam presos como cativos entre os teus. [...] Foi certamente Deus, criador de todas as coisas, [...] que inspirou ao teu coração esta boa acção [...]. Na verdade, Deus todo-poderoso [...] nada aprecia mais, em cada um de nós, do que o amor do próximo depois do amor de Deus, e o cuidado em não fazer aos outros o que não queremos que nos fizessem a nós. Ora, esta caridade, nós e vós devemos-la mutuamente, ainda mais do que a devemos a outros povos, pois confessamos e reconhecemos - de modo diferente, é verdade - um Deus único, que louvamos e veneramos cada dia, como Criador dos séculos e Senhor deste mundo. Segundo a palavra do apóstolo: ‘Ele é a nossa Paz, Ele que dos dois fez um só’<sup>2</sup>.”

---

2 Gregório VII - Carta a An-Nasir, 1076. In Teissier, Henri (dir.) - Histoire des chrétiens d’Afrique du Nord. Paris: Desclée, 1991, p. 53-54.

Um caso exemplar, é certo, pois demonstra como, há mais de um milénio e por motivos especificamente religiosos se podiam respeitar e ajudar homens de diversos credos, frisando o que lhes era comum e fundamental, precisamente a partir da crença num único Criador de todos. Também é verdade que a liberdade de consciência ainda não é universalmente aceite e concretizada e que não é fácil a um muçulmano deixar de o ser, como noutros tempos não foi fácil a um cristão abandonar a fé de seus pais e do seu povo. A liberdade concedida à expansão de outros credos em países de tradição cristã não é correspondida por idêntica liberdade em países de tradição muçulmana. Em entrevista recente, o bispo latino de Bagdad, Jean Benjamim Sleiman reconhece: “Nos países islâmicos, o conceito de liberdade de consciência não existe. Ou seja, a possibilidade de escolher a religião, a fé em que acreditar. Mais precisamente: um cristão pode tornar-se muçulmano, mas não vice-versa. Há, no entanto, liberdade de culto no sentido em que é permitido frequentar as práticas religiosas no interior da igreja, ao passo que toda a actividade exterior é negada. [...] A presença cristã é uma riqueza para o Médio Oriente. [...] Não se trata de proselitismo, mas de partilhar uma vida e demonstrar que certos valores podem ajudar também os outros. Os cristãos devem estar conscientes disto” (In *Passos*, Novembro 2003, p. 25).

Nada disto invalida o citado texto de 1076: homens autenticamente religiosos conseguiam, há um milénio já, ultrapassar as severas condicionantes civilizacionais e culturais da altura, para servirem mutuamente uma paz onde todosoubessem já. Algo semelhante aconteceu no princípio do século XIII, quando Francisco de Assis preferiu encontrar-se pacificamente com o sultão do Egipto, aquando da Quinta Cruzada. E não nos faltariam sinais proféticos daquilo que a religião em si mesma pode fazer para aproximar povos e ultrapassar conflitos, afirmando razões últimas que desmentem razões imediatas, estas geralmente menos altruístas.

Como também é verificável que os fundamentalistas vitimam ou comprometem antes de mais os próprios correligionários que não os acompanham. E, em certo sentido, poderá dizer-se que os surtos fundamentalistas se caracterizam mais pela pouca religião - no sentido essencial do termo - dos respectivos promotores, que ficam obnubilados pelo sentimento individual, sem o confrontar com os dos outros, ou não conseguem ir além da dimensão regional da religiosidade em bruto, que pretende vencer a insegurança pela imposição agressiva, interna e externamente. Da abertura a um Deus único e transcendente, Gregório VII e An-Nasir concluíam poder cooperar em matéria religiosa e social, beneficiando as populações. A afirmação do absoluto, relativizava as diferenças pessoais. O fundamentalismo, por outro lado, afirma tão exclusivamente a

perspectiva particular que não admite contradição. Ora, como acaba de dizer o filósofo francês Paul Ricoeur, “o diálogo entre as confissões pode ser desenvolvido a partir de um ponto fixo: a consciência de que a nossa interpretação é limitada. Sobre este pressuposto se fundamenta o respeito recíproco”<sup>3</sup>. No fundamentalismo particularista, obvia-se o caminho para aquele ponto verdadeiramente universal, onde os tempos e os espaços se libertam e partilham, no horizonte comum dos crentes. Não foi por acaso que Jesus em Jerusalém, ou Maomé em Meca, se preocuparam com a restituição do recinto sagrado à sua finalidade única, porque universal... Ou que Jesus falou dum tempo em que o verdadeiro culto é feito “em espírito e verdade”, independentemente de lugares e povos, ou seja, onde nem os lugares nem os povos têm a prevalência, mas unicamente o Criador de todos.

3. Nesta esteira se integraram e integram numerosos homens e mulheres, levados por motivos religiosos e razões últimas ao incessante trabalho da paz. A religião, em qualquer caso, libertou-os do particularismo de origem para a universalidade do fim. E, porque atende ao fim, liberta também o tempo ao seu próprio curso e risco, como já o reconhecia Tocqueville, captando na jovem democracia norte-americana o papel positivo da religião numa sociedade livre: “A religião vê na liberdade civil um nobre exercício das faculdades do Homem; no mundo político vê um terreno livre que o Criador ofereceu aos esforços da inteligência. Livre e poderosa na sua esfera, satisfeita com o lugar que lhe é reservado, ela sabe que o seu império se estabelece tanto melhor quanto reine apenas pelas suas próprias forças e quanto domine os corações sem precisar de se servir de outros apoios. A liberdade vê na religião a companheira das suas lutas e dos seus triunfos, o berço da sua infância, a fonte divina dos seus direitos. Considera-a a salvaguarda dos costumes e estes garantes das leis e da sua própria durabilidade”<sup>4</sup>.

Tocqueville pensava assim. Outros demoraram mais tempo, julgando negativamente o lugar da religião na sociedade e prevendo-lhe o destino de tudo o que a história deixa para trás. Todavia, mais perto de nós, foi esta previsão a ser revista. Como o fez Peter Berger, na viragem do século: “O ímpeto religioso [...] é hoje semelhante ao que sempre foi e, em alguns locais, maior do que no passado, o que significa que toda uma literatura produzida por historiadores e cientistas sociais durante os anos 50 e 60, e vaga-

---

3 In *Família Cristã*, Dezembro de 2003, p. 33.

4 Alexis de Tocqueville, *Da Democracia na América*. Cascais: Principia, 2001, p. 80-81. Tocqueville visitou os Estados Unidos em 1831-1832.

mente denominada ‘teoria da secularização’, estava essencialmente errada. [...] A ideia-chave da teoria da secularização é simples e enraíza-se no Iluminismo: a modernização conduz, necessariamente, ao declínio da religião na sociedade e nos indivíduos. Ora, foi precisamente esta ideia que se provou estar errada. [...] O impulso religioso, a busca de um significado que transcenda o espaço restrito da existência empírica neste mundo, constituiu, desde sempre, uma característica essencial da humanidade. (Esta afirmação não possui um carácter teológico, mas antropológico - um filósofo agnóstico, ou mesmo ateu, concordará, provavelmente, com ela)<sup>5</sup>.

4. Admitamos pois que a motivação religiosa, afinal prevalecente, possa ser também um factor de paz, se permanecer na sua essencialidade e partir sempre desta, sem desvios fundamentalistas. Ilustro esta afirmação com um rápido relance de datas e atitudes:

A 11 de Setembro de 2001 fomos abalados com a destruição das “Torres Gémeas” de Nova Iorque. Não faltaram prenúncios de guerra civilizacional e religiosa, eminente. No dia seguinte, o papa João Paulo II pronunciava-se em Roma, mas nos seguintes termos: “Ontem foi um dia obscuro na história da humanidade, uma ofensa terrível contra a dignidade do homem. [...] O coração do homem é um abismo de que, às vezes, emergem desígnios de ferocidade inaudita [...]. Mesmo quando a força das trevas parece prevalecer, o crente sabe que o mal e a morte não são a última palavra”<sup>6</sup>.

A reacção papal faz-se em nome da dignidade humana. Mas também alerta para a raiz profunda do mal, num domínio tão imponderável como o é o “coração” do homem, onde qualquer análise positivista não chega... A referência final é também transcendente: “o crente sabe que o mal e a morte não são a última palavra”. É desta ordem última o contributo da religião à causa da paz: um optimismo que provém mais do fim do que de trás, do que Deus garante e não apenas do que cada um consiga.

Entretanto, João Paulo II tinha uma viagem programada ao Cazaquistão, para daí a dias. Não faltaram pressões para desistir, dados os perigos previsíveis, num país tão próximo dos fundamentalistas, bem como dos alvos prováveis de represálias norte-americanas. Mas as motivações religiosas do papa pesaram mais e daí a dias

5 In *Nova Cidadania*, Outubro/Dezembro de 2000, p. 32-40. Peter Berger é professor de Sociologia na Universidade de Boston. Este ensaio parte duma palestra sua e foi publicado em inglês em 1996/97.

6 João Paulo II - Audiência geral de 12 de Setembro de 2001. *L'Osservatore Romano*, ed. port., 15 de Setembro de 2001, p. 1.

chegava a Astana, capital dum grande país em que os muçulmanos são metade da população, para reforçar a causa da paz com o apelo à raiz da crença, de todas as crenças: “Dilectos Povos do Cazaquistão! [...] Quando no interior de uma determinada comunidade civil os cidadãos sabem aceitar-se nas respectivas convicções religiosas, é mais fácil que se afirme entre eles o reconhecimento efectivo dos outros direitos humanos e o entendimento acerca dos valores fundamentais de uma convivência pacífica e construtiva. Com efeito, as pessoas sentem-se unidas pela consciência de ser irmãos, porque são filhos do único Deus, Criador do universo”<sup>7</sup>.

Dois dias depois foi mais longe ainda, aludindo positivamente ao Islão, sublinhando-lhe a bondade essencial, então muito contestada em todo o Ocidente: “Neste contexto, e precisamente aqui, nesta terra, aberta ao encontro e ao diálogo, e perante uma assembleia tão qualificada, desejo reafirmar o respeito da Igreja Católica pelo Islão, o autêntico Islão: o Islão que reza, que sabe ser solidário com quem se encontra em necessidade. Recordando-nos dos horrores do passado também recente, todos os crentes devem unir os seus esforços, para que jamais Deus seja refém das ambições dos homens. O ódio, o fanatismo e o terrorismo profanam o nome de Deus e desfiguram a autêntica imagem do homem”<sup>8</sup>.

É precisamente em nome da unidade de Deus, unidade de origem e de fim para a humanidade inteira, que as religiões têm motivos de sobra para se empenharem na causa da paz entre todos os homens e civilizações. Já por isso João Paulo II convidara em 1986 os representantes das várias religiões para se juntarem com ele em Assis, em prol da paz. O contexto internacional recente veio incentivar ainda mais essa intenção. Os crentes de todas as religiões só podem sentir como profanação o uso do nome de Deus para levar à guerra: dum lado e doutro do conflito só existiriam afinal criaturas suas...

Criaturas que, no terreno, se conseguem entender melhor. Valha de exemplo a recente entrevista do bispo caldeu emérito de Bagdad, Emanuel-Karin Delly: “Os nossos antepassados sofreram momentos piores que o actual. E tudo suportaram com paciência e heroísmo, coabitando com os seus irmãos muçulmanos. Também nós devemos imitar os nossos pais. Em muitas ocasiões colaborámos com os muçulmanos. E muitos deles estimam-nos, visitam-nos e nós retribuimos-lhes. Desde há dois mil anos que

---

7 João Paulo II - Discurso durante a cerimónia de boas-vindas na capital do Cazaquistão, Astana, 22 de Setembro de 2001. *L'Osservatore Romano*, ed. port., 29 de Setembro de 2001, p. 5.

8 João Paulo II - Encontro com os representantes do mundo da cultura, da arte e da ciência, Astana, 24 de Setembro de 2001. *L'Osservatore Romano*, ed. port., 29 de Setembro de 2001, p. 11.

estamos aqui, e acredito que estaremos ainda por outros tantos séculos". E o bispo iraquiano refere de seguida o problema fundamentalista, mas para dizer que os muçulmanos moderados podem estar do lado dos cristãos: "Nós, do Patriarcado [dos cristãos caldeus de Bagdad], participamos em todas as festas dos muçulmanos, para partilhar com eles as suas datas mais festivas, tal como eles fazem connosco. Outro dia, por exemplo, quando alguns fundamentalistas atacaram as fábricas dos cristãos, apelei aos chefes dos muçulmanos que me receberam com grande amizade, e escreveram duras cartas àqueles que eles achavam que poderiam intervir"<sup>9</sup>.

O esforço ecuménico pela paz tem dado os seus frutos. Cada vez há mais manifestações inter-religiosas nesse sentido, constituindo uma força de grande valia para o desanuviamento mundial. Conhecendo-se os líderes, aproximam-se as religiões, na motivação última que as (re)concilia e no suporte humano em que incarnam. Em Setembro passado realizou-se, também em Astana, o primeiro Congresso dos Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais. Terminei, respigando algumas das suas conclusões mais ilustrativas do que pode e quer ser o contributo das religiões para a causa comum da paz: "Nós, participantes no primeiro Congresso dos Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais [entre os quais o Cardeal Jozef Tomko, representando a Santa Sé], realizado nos dias 23 e 24 de Setembro de 2003 em Astana, Capital da República do Cazaquistão: reconhecendo o direito de cada pessoa humana a decidir-se livremente, a escolher, a expressar e praticar a sua religião; considerando o diálogo inter-religioso como um dos mais importantes instrumentos para assegurar a paz e a harmonia entre os povos e as nações; [...] condenando a representação errónea das religiões e o uso impróprio das diferenças entre as religiões, como modo de alcançar finalidades egoístas, separatistas e violentas [...]; DECLARAMOS que: a promoção dos valores da Tolerância, da Justiça e da Caridade deve ser a finalidade de qualquer ensinamento religioso; o extremismo, o terrorismo e outras formas de violência em nome da religião nada têm a ver com a compreensão autêntica da religião, mas constituem ameaças contra a vida do homem e, por conseguinte, deveriam ser rejeitados; [...] a diversidade dos credos e das práticas religiosas não leva à suspeita recíproca, à discriminação e à humilhação, mas à aceitação mútua e à harmonia, manifestando as diversas características de cada uma das religiões e culturas; as religiões devem aspirar a uma maior cooperação, reconhecendo a tolerância e a aceitação mútua como instrumentos essenciais para a coexistência pacífica de todos os povos; [...] devemos revigorar a cooperação na promoção dos valores espirituais e da cultura do diálogo, com

---

9 In *Cidade Nova*, Nov/Dez 2003, p. 6-7.



vistas a garantir a paz no novo milénio; [...] Os participantes [...] DECIDIRAM: convocar o Congresso pelo menos uma vez em cada três anos; [...] realizar o segundo Congresso em Astana, na República do Cazaquistão”<sup>10</sup>.

5. Neste momento, subsistem muitos factores de separação e conflito pelo Mundo além. Alguns deles alegam motivos religiosos. Estas linhas quiseram evidenciar apenas que em nome da religião e da referência a grandes vultos religiosos, tais motivos de oposição são criticáveis e superáveis. Mais ainda, que a ligação a um único Criador aproxima necessariamente as criaturas, já que a experiência religiosa essencial o subtrai a qualquer instrumentalização particularista. Místicos de todos os credos sempre se encontraram mais facilmente do que outros, que tingem de coloração religiosa combates antigos e modernos. Por outro lado, também a vida concreta, pessoa a pessoa, dissipa mal entendidos e constituiu a melhor base para construir a paz. As grandes instituições religiosas, conservando a memória exemplar dos respectivos iniciadores, são geralmente capazes de rever práticas e abrir futuro, como o que se tem construído no actual movimento ecuménico a favor da paz: Santo Egídio, Assis, Astana, vão-se somando, rumo ao mais precioso dos bens.

---

10 L'Osservatore Romano, ed. port., 11 de Outubro de 2003, p. 10.